

SOPHIA ANDRESEN: UMA POÉTICA DA FELICIDADE E DO DIA?

Virgínia Bazzetti Boechat¹

RESUMO:

A comunicação aqui proposta aponta como linha de leitura da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen uma reflexão em torno da presença de ecos da lírica horaciana e da doutrina epicurista, seja como ponto declarado de divergência, de encontro e acordo, ou mesmo em intertextualidade com autores que trabalharam idéias e valores daquela doutrina, principalmente Pessoa – Reis. Investiga-se sobretudo o funcionamento do conceito de felicidade e da vivência do carpe diem dentro da poética andreseniana, que se entende e quer, reconhecidamente, como ensinamento de uma maneira de estar sobre a terra.

PALAVRAS-CHAVE:

Poesia portuguesa do século XX; Sophia de Mello Breyner Andresen; Horácio; Ricardo Reis; carpe diem.

Inquietações e dias com a poesia andreseniana

Com esta comunicação, hoje, nesta sessão muito apropriadamente intitulada “Dias inquietantes de poesia”, busco elucidar uma estreita parte das minhas próprias inquietações em relação à poética de Sophia de Mello Breyner Andresen, que não cessa de me surpreender com novos meandros, de destruir e renovar sucessivamente o meu entendimento sobre suas características, mesmo depois de anos de convívio próximo, mesmo após períodos de desistência ou descrença com que todo pesquisador em algum momento se depara, mesmo diante de adversidades, uma poesia que não aceita desistir de si mesma, de se dizer novamente, e novamente.

De suas sinuosidades e segredos provém a interrogação do título: **uma poética da felicidade e do dia?** Pergunta, entretanto, que se deixa responder apenas por via de outra pergunta: **uma poética de que felicidade e de que dia?** Em torno de tal questionamento e das noções então envolvidas, desenvolve-se esta apresentação, tendo com objetivo apenas indicar linhas de leituras e apresentar uma pequena parte do trabalho que realizo no desenvolvimento da minha tese de doutorado nesta universidade.

1. Carpe diem e felicidade: Horácio e Ricardo Reis

É fato conhecido que Horácio, poeta latino do século I a.C., foi um dos seguidores e propagadores da doutrina de Epicuro (IV-III a.C.) entre os romanos, tendo sido também influenciado pelo estoicismo, rígida doutrina atarácica. Pode-se apresentar o ensinamento filosófico epicurista como tetrafármico, fundamentado, resumidamente, nos chamados *quatro remédios* para o bem do homem: felicidade, superação do sofrimento, não temer os deuses e não temer a morte.

A literatura como um veículo doutrinário, visando ao **bem**, à **felicidade**, como era para os epicuristas, interessa a todos aqui presentes, pela relação direta com a ética.

¹ Doutoranda em Literatura Portuguesa na FFLCH/ USP, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. <virginiaboechat@yahoo.com.br>

Sobre uma obra como a de Sophia, que se propõe como ensinamento de uma maneira de estar no mundo, é abordado aqui um dos aspectos dessa função filosófico-pedagógica, o apelo ao *carpe diem*; por isso o retorno ao epicurismo e sobretudo a Horácio.

Tal funcionalidade pedagógica, diga-se de passagem, também foi marca do universo literário de Pessoa em geral, e levada ao extremo na criação da figura de um mestre do olhar dentro do jogo heteronímico. Vale vincar que o mestre entre os heterônimos era leitor constante de Lucrécio (séc. I a.C.) em seus versos, compartilhava de seu proselitismo filosófico, do racionalismo, da natureza como assunto privilegiado, tudo expresso numa linguagem que se queria eficaz, assim como nos versos de Sophia. No caso de Caeiro, ensinava a desaprender.

Lucrécio, por sua vez, também discípulo de Epicuro, é considerado o primeiro poeta consagrado da Natureza na cultura ocidental, com **De rerum natura**. É possível inferir que o epicurismo tenha chegado à leitura de Sophia por vários vieses, mas que ela tenha modificado duas temáticas, trazendo-as para seu próprio universo poético.

Voltando ao veio temático fundamental da lírica horaciana, o *carpe diem*, que é reiterado ainda em Ricardo Reis, tal conceito constitui-se como um apelo para que se aproveite o presente. Traz consigo articuladas as temáticas da fugacidade do tempo, da efemeridade da vida e da inevitabilidade da morte, constituindo-se como uma disciplina mental e uma orientação existencial (Cf. Ferreira, mimeo).

A ode 11 do Livro I, de Horácio, traz tal expressão e sintetiza aspectos dessa consciência: “O tempo, enquanto discutimos, fuge:/ Colhe o teu dia, – não no percas! – hoje.” (Prado, 2003, p.38). Também em Reis, há o mesmo conselho: “Goza o dia como/ Se a Vida fosse nele” (Silva, 2000, p.88-9).

Se há por um lado constatações capazes de gerar o apelo, ligadas ao tempo, à vida e à morte, por outro, trata-se de um convite para se aproveitar o momento dentro de princípios determinados; no caso de Horácio e Reis², articulados ao entendimento de felicidade dentro do epicurismo-estóico que atravessa seu pensamento. Segundo Bento Ferraz, a concepção epicurista de felicidade liga-se diretamente à idéia de prazer, sendo que há duas manifestações deste: em movimento e em repouso. A primeira gera emoções e alegria; a segunda, a isenção de qualquer dor. Dentro deste último está o entendimento de felicidade daquela doutrina, o bem da alma é “o estado são e tranqüilo da carne, quando se tem a certeza de mantê-lo” (Ferraz, 2003, p.252).

Aproveitar cada instante com felicidade já que o tempo de vida é breve não pode ser confundido então com um *carpe diem* hedonista, que prezaria desfrutar de todos os prazeres possíveis. António Manuel Ferreira (mimeo) aponta em Horácio e Reis um “*carpe diem* de teor melancólico e resistente”, já que suas cosmovisões são enquadradas pelo epicurismo e pelo estoicismo, “o gozo do momento (...): um prazer regrado e recatado” (Id.). Nem sempre, porém, é o que se vê em alguns de seus textos, em especial em apelos a Cloe. Mas o que dizer do funcionamento do *carpe diem* e da felicidade na poesia andreseniana, que compartilha em parte os fatores que levam ao mesmo apelo, como a consciência da efemeridade da vida e da inevitabilidade da morte?

2. *Carpe diem* e felicidade: Sophia

² Não se pode esquecer que dentro do jogo heteronímico as características de um corpus que esteja atribuído a Reis – ou qualquer outro heterônimo – ganhem sentidos muito mais complexos, por vezes até contrários ao conteúdo dos versos, mas será necessário, por limitação de espaço e tempo, que esta análise se atenha apenas à presença desses ecos horacianos no que seja um conjunto poético ricardiano, aqui observado dentro das escolhas da edição de Manuela Parreira da Silva.

Horácio é mencionado diretamente ligado à idéia de felicidade em dois poemas de Sophia. O primeiro, de **Musa**, intitulado “À maneira de Horácio”, inicia-se com uma paráfrase horaciana: “Feliz aquele que disse o poema ao som da lira/ À mesa do banquete entre os amigos/ (...)/ Seu canto celebrava/ Consciente da areia fina que escorria (...)” (2004, p.40).

Percebem-se ecos da ode horaciana (11, I) aqui citada, em que são dados conselhos a Leuconói para que não se preocupe com o futuro, que coe o vinho e colha o dia porque a vida se esvai. Mas estes versos de Sophia podem perfeitamente ser entendidos como auto-referenciais, com a felicidade ligada a elementos comuns no universo poético da autora. Perpassa também a idéia de celebração, pela lira, pela mesa cheia, pelo banquete; o sexto verso afirma mesmo que o canto horaciano celebrava. A idéia de poema como **celebração do terrestre** é recorrente na obra andreseniana. Assim como nos versos horacianos, há nos de Sophia a consciência aguda da passagem do tempo e do desgaste por este causado, e, apesar disto, persistem em sua tentativa de resistência.

Em “Ode à maneira de Horácio”, de **O búzio de Cós**, é retomado o início do outro poema, mas sobre uma figura feminina: “Feliz aquela que efabulou o romance/ Depois de o ter vivido/ A que lavrou a terra e construiu a casa/ (...)À beira da tenda partilhou o vinho e a vida” (1998, p.17).

Esses versos partem de contornos individuais mas acabam erigindo um modelo de feminino. Em ambos os poemas, a felicidade está numa fusão entre o poético e o vivido, e sua busca não se ensina em forma de conselho, mas através de exemplo. Conclui-se que a idéia de felicidade nessa obra poética possa estar condicionada à inteireza dos dois ofícios, o da poesia e o da vida, sem que um possa jamais prescindir do outro. O valor do trabalho, nos dois âmbitos, fica exaltado pela efabulação e pela ação de lavar a terra.

Um eco vem do epodo 2 de Horácio: “Feliz quem, dos negócios alongado,/ (...) os pátrios campos, com seus bois, cultiva (...)” (p.193). Também em Reis há passagem que começa da mesma maneira: “Feliz aquele a quem a vida grata/ Concedeu que dos deuses se lembrasse” (2000, p.67). Há ainda, cabe lembrar, outros ecos da lírica horaciana.

O entendimento de felicidade na poesia andreseniana como união entre os ofícios de viver e de escrever com atenção e inteireza pode ser visto em “Casa térrea”: “Que a arte não se torne para ti a compensação daquilo que não soubeste ser/ Que não seja transferência nem refúgio/(...) Então construirás a tua casa na planície costeira/ (...) Construirás a partir do fundamento” (2001b, p. 206).

Agora, sim, em forma de conselho, fica explícito que a vida é o objetivo primeiro; viver inteiramente é o que possibilita a arte como **verdade do estar terrestre**, verdade que poderá retornar concretamente para a vida, como construção que as una, a metafórica **casa térrea** devidamente fundamentada. **Não-viver**, nessa poesia, configura-se como um erro irreparável, que impulsiona um apelo ao *carpe diem* na parte de **Dual** intitulada “Homenagem a Ricardo Reis”.

No poema I desse conjunto, a voz poética dirige conselhos a uma das três mulheres de Horácio que ressurgem em Reis, Lídia, em resposta à ataraxia ricardiana de “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”, sintetizada no verso “Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.” (Silva, 2000, p.36). É especialmente uma resposta à leitura da felicidade epicurista-estóica da poesia do heterônimo: “Senta-te ao

Sol. Abdica/ E sê rei de ti próprio.”(p.40). Há exceção no que se refere a Cloe, como na ode V, ao pedir-lhe que o beije amando, “Como se cada beijo/ Fora de despedida (...)”, antes que chegue a barca da morte (p.15).

Nos versos de Sophia, Lúdia é instruída a não acreditar na proposta ricardiana de abdicar da ação, de apenas observar à margem o rio:

Não creias, Lúdia, que nenhum estio
Por nós perdido possa regressar
Oferecendo a flor
Que adiámos colher.

Cada dia te é dado uma só vez
E no redondo círculo da noite
Não existe piedade
Para aquele que hesita. (2001b, p.119)

É relevante observar a proximidade do apelo de Robert Herrick, poeta inglês do século XVII, que, com um sentido semelhante de *carpe diem*, escreveu às virgens que colhessem suas rosas enquanto pudessem; relação esta que pode ser uma leitura para o poema andreseniano, lembrando que em ambos o apelo não está vinculado apenas ao erótico, mas abrange metaforicamente toda a vivência. Percebe-se, com esta Lúdia andreseniana, que a concepção de **vida inteira**, numa poesia tão ligada a amor e amigos, pressupõe entrega a paixões e laços.

Um outro momento em que aparece a idéia do **não-vivido** encontra-se em “Cíclades”, em que Pessoa, referido pelo subtítulo, aparece como aquele que foi “Esquartejado pelas fúrias do não-vivido” (2001b, p.175). Vê-se, mais uma vez, que a vida não pode ser prescindida em função da escrita, só juntas erigirão o **dia** andreseniano.

“Caminho da manhã”, poema em prosa de Sophia Andresen, pode ser relacionado à sua proposta de viver e olhar cada instante presente: “Vais pela estrada que é de terra amarela (...). Aí deves parar e olhar um instante para o largo pois ali o visível se vê até o fim. (...) Entra no mercado e vira à tua direita e ao terceiro homem que encontras em frente da terceira banca de pedra compra peixes (...)” (1999, p.107).

O final do texto e o título expõem que no entendimento ali expresso a vida dá-se como **caminho**, não como **duração**, mas um caminho que, no entanto, deve ser aproveitado com minúcia e intensidade: “Caminha até encontras uma igreja alta e quadrada. (...). Aí se levantará como um canto o teu amor pelas coisas visíveis que é a tua oração em frente do grande Deus invisível.” (p.108). Note-se que **invisível** é diferente de **inexistente**. Porém, a idéia de um sagrado não diminui, nessa poesia, a necessidade de viver o presente, de colher o momento, nem de olhar e amar o visível; relação esta que pode ser estudada em paralelo com o conjunto atribuído a Caeiro.

Tal compreensão de Sophia sobre a vida confirma-se em “Carta aos amigos mortos”, em um pedido: “E eu vos peço por este amor cortado/ Que vos lembreis de mim lá onde o amor/ Já não pode morrer nem ser quebrado.” (1999, p.130-1). Fica reforçada a crença em um espaço possível após a morte, que – deve-se ressaltar – não remedia a angústia diante do tempo, da morte ou do apodrecimento do corpo das pessoas queridas. E, principalmente, a vida como caminho não apaga aí a necessidade de se aproveitar cada instante presente, defendida com recorrência em seus versos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRESEN, S. **Musa**. Edição revista. Lisboa: Caminho, 2004.
- ____. **Obra poética I**. 6 ed. Lisboa: Caminho, 2001.
- ____. **Obra poética II**. 4 ed. Lisboa: Caminho, 1999.
- ____. **Obra poética III**. 3 ed. Lisboa: Caminho, 2001b
- ____. **O búzio de Cós**. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1998.
- FERRAZ, B. A moral de Epicuro. In: PRADO, A. **Horácio, odes e epodos**. São Paulo, Martins Fontes, 2003. p.251-3.
- FERREIRA, A. M. **Ricardo Reis e as lições de Horácio**. Mimeo.
- PRADO, Anna A. (org.). **Horácio, odes e epodos**. Edição bilíngüe. Trad. Bento de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SILVA, Manuela P. (org.). **Poesia, Ricardo Reis**:. Lisboa: Assísio & Alvim, 2000.